

Camilo Castelo Branco

A Morgadinha de Val-D'Amores

- teatro -

A MORGADINHA DE VAL-D'AMORES

CAMILO CASTELO BRANCO

TEATRO

COMEDIA EM TRÊS ACTOS

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

FIGURAS

D. JOANA COGOMINHO DE ENCERRABODES, morgada de Val-d'Amores, filha de:

PANTALEÃO COGOMINHO DE ENCERRABODES.

FREDERICO ARTUR DA COSTA, Escrivão da Fazenda de Santo Triso.

COSME JORDÃO, Deputado por Guimarães.

MACÁRIO MENDES, Boticário de Santo Triso.

JOÃO LOPES, Lacaio e confidente da Morgada.

FIGURAS DO AUTO DOS TRÊS REIS MAGOS.

Criados, cantadeiras, camponeses, músicos e outros personagens.

ACTO PRIMEIRO

Ao fundo, portão de quinta com a sua enorme pedra de armas e ameias laterais. O restante do palco figura uma alameda e estrada.

CENA I

FREDERICO *(só)*

(Frederico é um homem entre 28 e 33 anos que traja quinzena e calças pretas apertadíssimas em corpo de extrema magreza e aprumo. O chapéu é de forma inglesa e alto para tornar mais aguçada a figura. A cabeleira bironiana em crespas ondulações. Bigodes encerados e picantes nas guias retesadas. A luneta de um vidro sem aro obriga-o a caretear, abrindo a boca de esguelha quando fixa mais atentamente a morgada. Os seus movimentos, quando lhe for necessário fugir, hão de ter tal velocidade que simulem o rápido perpassar de um duende. A agilidade da rotação do pescoço deve dar-lhe o que quer que seja de automático e fantasmagórico.)

A razão diz-me que eu estou em perigo de ser moído por estes selvagens do Minho; mas o coração, este intestino

onde o amor e a coragem habitam, diz-me que não vacile. A razão argumenta-me que eu, escrivão de fazenda no concelho de S. Triso, não devo arrojar as minhas desenfreadas ambições até à mão da morgadinha de Val-d'Amores; mas o coração, esta republica intima que me esbraveja no peito, impele-me para ela, mandando-me ler naquele brasão (apontando) o epitáfio da fidalguia de raça, e o monumento levantado não ás tradições ineptas, mas à restauração da dignidade humana. Além disto, eu, homem de aspirações gigantes, eu, poeta de audaciosos raptos de alma, eu, que junto à poesia elevada a poesia profunda, preciso de me arranjar. Sou escrivão de fazenda; mas esta posição não quadra aos meus instintos. Ás vezes como que sinto escaldarem-se-me as artérias com sangue de príncipe, e me quer parecer que algum dos meus avós foi mais ou menos iludido por alguma das minhas avós. Reconheço, como filho deste seculo, que a democracia matou a nobreza mascarando-se ela de fidalga; assim é; porém, ao mesmo tempo, não sei que filtros me circulam no intimo peito, quando vejo esta morgada e lhe entrevejo na cara o sangue azul das veias. Sobre tudo, o que mais me incita a querer-

lhe com a adoração dos Paulos e dos Romeus é a precisão que tenho de me arranjar.

Eu já manobrei por mares tempestuosos. Um dia consultei a minha vocação; e, como me sentisse um dos muitos desventurados que caem neste mundo sem vocação, fiz-me literato. Os literatos fazem-se a si próprios, por serem coisa que a Bíblia não diz que o Criador fizesse nos sete dias de criação. Um sujeito olha para si como Deus para as trevas, e diz «fiat lux» faça-se o literato; «et lux facta est», e o literato fez-se. Eu prometo não dizer mais nada em latim, porque também não sei mais do que isto.

Feito literato, escrevi como toda a gente que quer escrever. Preparava-me para coordenar uma Historia Universal em 25 volumes com 26 de suplemento, quando se me ofereceu um lugar de noticiarista num diário de Lisboa. A minha reputação estava quase estabelecida, quando a empresa me despediu por sensaborão, como se fosse obrigatório ser engraçado no país mais desgraçado do mundo. Voltei o meu

espirito para a história universal, e cheguei até a procurar num Almanaque onde era a Torre do Tombo com tenção de lá ir consultar os pergaminhos. Neste propósito estava eu, sentindo já os calores da glória, quando me encarregaram de traduzir uma comédia francesa para o Ginásio. Pus de parte a Historia Universal, e traduzi a comedia com um esmero indigno do resultado, porque ela foi pateada visto que tinha, segundo disseram os críticos, uns galicismos que lhe corrompiam a virgindade elegante do texto. Ora eu então fiz-me critico, animado pela grande cópia de sandices que se escreveram contra a minha tradução. Neste modo de vida achei vantagens extraordinárias, sendo a primeira a dispensa de saber alguma coisa. Um crítico, no jardim das letras, representa uma toupeira em jardim de flores; é temível porque remexe e estraga tudo; levanta empolas de terra, e suja quando não devasta a mimosa vegetação. Eu fiz destroços grandes e escalavrei muitas reputações literárias, já por amor da arte, já por amor do estomago, esta coisa onde um homem de génio não pôde criar a luz, porque isto aqui (indicando o estomago) é um abismo que só recebe a luz pela boca. Mas a final, as obras literárias que apareciam eram já de natureza que o arpéu da crítica

não lhes ferrava a unha. Entreguei-me ao género chamado reclame, e comecei a chamar a atenção do país para toda a coisa impressa, poema ou tragedia, romance ou farsa. Este oficio, posto que o mais aviltante da vida de um escritor, é o mais lucrativo no mundo patarata, em que eu me atasquei. A consciência pesava-me pouco, se o estomago saía pesado de casa do empresário do teatro ou do editor do romance. Afoguei muitos escrúpulos em sopa de camarão. Mas o sangue de príncipe, este não sei quê que me faz cócegas nos miolos, mostrou-me a indignidade da minha missão na terra, e desde logo atirei um vôo atrevido ás regiões aquilinas da politica. Estudei três dias as questões de fazenda em Portugal, e entendi-as tão claramente como se fossem questões da minha fazenda. Percebi que o país estava como eu tal e qual: foi-me fácil escrever uma serie de artigos nos quais provava que a maneira de matar o deficit era... sim eu provava que a maneira de matar o deficit, esse cancro roedor das entranhas do meu país, era... sim eu provava... não me lembra agora o que provei... o certo é que me despacharam escrivão de fazenda de Santo Triso, provavelmente para matar o deficit. Eis que chego, e vejo a Morgadinha... *(Ouvem-se os tamborileiros)*

Não convém que estes bárbaros me vejam parado em frente do portão da mulher amada... (Sai).

CENA II

PANTALEÃO, DOIS CRIADOS, E OS TAMBORILEIROS

Entram ao terreiro e param tocando em frente da porta três tamborileiros, um de bombo, e os outros com caixas de rufo. Pouco depois abre-se a porta, e sai PANTALEÃO, com dois criados de lavoura, um dos quais distribui canecas de vinho, que despeja de um pichel vermelho, pelos tamborileiros, que se descobrem.

1.º Tamborileiro *(o do Zabumba)*

“Biba” o excelentíssimo morgado a “mai la” Sra. morgadinha!

Os três

“Biba” por muitos anos, “biba”!

Pantaleão

Olé! rapazes! Com que então já se vão chegando ao arraial?..

1.º Tamborileiro

Ó “promeiro”, vamos tocar os mordomos do Sr. San João, que tem festa de arromba este ano; e despois “bamos” pró arraial com Deus. (Ouve-se ao longe a toada das cantadeiras que cantam o S. João.)

Pantaleão

Bebam; mas não se encarraspanem como no ano passado.

2.º Tamborileiro *(rindo alvarmente)*

É “berdade”, fidalgo! Aquilo é que foi perua! Inda ma lembra!

Pantaleão

Pois vê lá se arranjas outra que te faça esquecer a do ano passado.

3.º Tamborileiro *(bebendo)*

“Enton” lá “bai” à saúde da vossa Senhoria, e “mai la” Sra. morgadinha.

1.º e 2.º Tamborileiro

A mesma.

Pantaleão

Querem mais? bebam.

1.º Tamborileiro

“Non” faz minga.

Pantaleão

Então, rapazes, adeus. Lá nos veremos na romaria.

Os três Tamborileiros

"Biaba" o fidalgo, e mais la "obrigaçon". *(Saem rufando estrondosamente: cessa o estrondo pouco depois.)*

CENA III

PANTALEÃO E OS DOIS CRIADOS (QUE POUSAM AS VASILHAS)

Pantaleão

Ora venham cá vocês, tomem tino no que eu vou dizer, e abram-me esses olhos. Vocês têm obrigação de zelar a honra desta casa, porque nasceram nela, cá se criaram, e cá hão de morrer, se me servirem bem. Aquilo que souberem a respeito do que vou perguntar hão de dizer-mo. Aqui quem governa sou eu, percebem? Vocês têm visto de noite alguma vez por debaixo das janelas desta casa o escrivão de fazenda? um homem muito magro que cá vinha dantes?

1.º Criado

Bem sei quem é o escrivão das fazendas de Santo Triso... Olhe, fidalgo, eu jurar “non” juro que era ele; mas aqui atrás há três noites, vinha eu de regar a cortinha das Chãs, e ao sair da carvalheira, rebentando sobre a direita, vi uma coisa a escoar-se por entre os carvalhos que parecia um abentesma...

2.º Criado

Eu também já “bi” esse abentesma, “salbo” seja, aí os pois da meia noite; mas aquilo, meu amo, “non” podia ser o escrivão das fazendas porque Vossa Senhoria faça de conta que ele por este caminho alem “levava-se” assim teso e hirtego que não “bolia” com os “pezes”. Haverá de ser o mesmo que tu enxergaste, “Antonho”!

Pantaleão

Pois creiam vocês que não era outro senão o escrivão de fazenda. Nestes arredores não há homem daquele feitio senão ele... Sabem o que eu quero, rapazes? é que lhe deem uma boa sova de estadulho.

1.º Criado

Só se for a tiro; que “non” há homem que o pilhe na carreira.

2.º Criado

E para lha acertar com uma bala faz minga saber atirar ás lebres. *(Ouvem-se risadas de mulheres já perto.)*

Pantaleão

Por ora, nada de tiros; o que mando é que lhe arrumem quatro bordoadas, sem lhe dizer isto nem aquilo. Vocês zupem-lhe e escamem-se, que eu com a justiça não quero testilhas; mas não lhe batam, sem o apanharem cá à volta da casa... Vamos conversar aqui pra carvalheira que vem aí as raparigas da freguesia. (Saem pela esquerda.)

CENA IV

(Rancho de raparigas vestidas de saias de chita com muita roda de saias e saiotes, capotilhas encarnadas, chinela e meia branca, acompanhadas de um tocador de rebeca e outro de violão, que lhes acompanham as cantigas. Entram pulando alegremente, e puxam por a estrídula sineta do portão.)

O rabequista

“Biaba” a Sra. morgadinha de Val-d’Amores!

Todos

“Biba”! “Biba”! *(Cantam o S. João.)*

COPLAS

“Son Joon” adormeceu

Nas escadas do colego;

“Deron” nas feitas com ele,

“Son Joon” tem porbolejo.

Que é aquilo, que é aquilo, que é aquilo?

Son Joon a caçar um grilo.

Ó meu “son Joon” da Ponte,

Ó meu belo patusquinho,

Dá-nos ano de “bon pon”,

Dá-nos ano de bom “binho”.

Non é nada, “non” é nada, “non” é nada,

“Son Joon” a comer pescada.

(Abre-se o portão de par em par. Sai a Morgadinha, trajada com luxo, mas fora da moda. Vestido de ancas exageradas, cabelo à Stuart, e um grosso grilhão ao peito. Segue-a um criado velho, de niza, com uma cadeira de braços à cabeça, e uma pichorra e caneca na mão.)

CENA V

MORGADINHA, JOÃO LOPES, E AS CANTADEIRAS

Vozes

“Biaba” a Sra. morgadinha! Biba! Biba!

Morgadinha *(sentando-se na cadeira)*

Adeus, raparigas. Como estás tu, Maria do Quinchoso! e tu Benta do Casal? Olha a Mariana da Igreja como está gorda com o casamento! Ó João Lopes, dá vinho a essa raparigada toda.

Uma das moças

Vossa Senhoria “bai” ao arraial?

Morgadinha

Pudera, não! Já estou preparada, e vou assim que a tarde refrescar, que quero ver o fogo prezo.

Outra

E “mai lo auto” do Natal, que vem la os de Arnôzo com ele.

Outra

E como a fidalga está pimponaça! Parece “mêmo” a Madanela da “porcisson” de Passos!

Outra

Benza a Deus, que palminho de cara assim, não se topa outra no mundo. Faz agora um ano que os casacas do Porto “andabon” todos embeiçados atrás da Sra. morgadinha no arraial; e “enton” aquele “governo” que está em S. Tirso esse é que andava “memo” azoratado!

Morgadinha *(rindo)*

Qual governo?!

A mesma

Aquele que lhe chamou o das fazendas, ou “non” sei que diabo...

Morgadinha

Ah!.. *(suspirando)* Já sei...

O do violão

Má raios o “parton”, que me mandou citar ainda ontem!

O rabequista

Eu onde lhe poder ser bom hei de medir-lhe o costado de pá a pá com um fueiro...

Morgadinha

Ora não sejas bruto, José da Eira! Ele faz a sua obrigação; faz tu a tua que é pagar o que deves ao rei.

O mesmo

Ao rei! Bem me fio eu nisso... Enton a fidalga pensa que o rei aveza uma de X do dinheiro que nós demos!! Pois “non” avezastes! Os governos de S. Tirso repartem uns com os outros no fim do ano o dinheiro que dão os lavradores.

O outro

É como diz.

Morgadinha

Sois uns selvagens. Deixemo-nos de tolices. Cantem lá alguma coisa vocês.

Uma das moças

Quer a Marianinha, fidalga?

Morgadinha

Pois sim; cantem lá a Marianinha.

COPLAS

(Tudo mulheres)

(UMA VOZ)

Já fui canário do rei,

Já lhe fugi da gaiola.

(CORO)

Sim, sim, eu vou lá

Ó Marianinha,

Sim, sim, eu la vou

Ó pequerruchinha.

(UMA VOZ)

Agora sou pintassilgo

Destas meninas de agora.

(CORO)

Sim, sim, eu vou la, etc.

(UMA VOZ)

Pintassilgo está no bosque,

A andorinha no telhado.

(CORO)

Sim, sim, etc.

(UMA VOZ)

Só eu não sei onde estou,

Quando não estou ao teu lado,

(CORO)

Sim, sim, etc.

(VOZ)

A andorinha quando chove

Vai meter-se à escuridão

(CORO)

Sim, sim, etc.

(VOZ)

E eu quando o norte é rijo

Meto-me ó teu “coraçon”.

(CORO)

Sim, sim, etc.

Todos

“Biaba” a Sra. Morgadinha! Biba!

Morgadinha

Então vocês vão já para a romaria?

Uma delas

Ainda “bamos” buscar as caseiras da vossa Senhoria que estão à espera de nós, e depois voltamos para aqui.

Morgadinha

Pois vão, e voltem. (Saem cantando o S. João. A morgadinha fica pensativa e melancólica, encostando o rosto à mão, em quanto se ouve e se vai perdendo a toada da cantiga.)

CENA VI

MORGADINHA E JOÃO LOPES

Morgadinha

Como estes brutos são felizes!.. E eu sempre apoquentada por causa deste coração! Ai! Eu antes de saber o que era amor também cantava... Lembras-te, ó João Lopes?

João Lopes

Ora se lembro! E cantava que nem uma calhandra a fidalga!

Morgadinha

Olha se te lembras, João! Eu ia ás espadeladas, ás descamisadas, ás malhas, brincava, saltava...

João Lopes

Até dançava a cana verde, e a chula que era um gosto vê-la!.. E quando a menina quis que eu lhe ensinasse o jogar o pão...

Morgadinha *(com alegria)*

É verdade...

João Lopes

E o caso é que a vossa Excelência aí com duas dúzias de lições já me chegava com o pão.

Morgadinha *(erguendo-se entusiasmada)*

E daquela vez que eu me vesti de rapaz, e pus fora da eira do Manoel Tamanqueiro, com quatro partidas de pão, mais de seis mascarados que la andavam a beliscar as minhas caseiras!

João Lopes

Por sinal que a menina deu uma tapona no Zé Torto, que ficou torto de todo... Ó fidalga, Vossa Excelência hoje já não era capaz de romper aí com um marmeleiro pra frente de um homem qualquer!..

Morgadinha

Estás enganado... se me chegassem a mostarda ao nariz... Mas, ai!.. (Torna a sentar-se triste.) A minha alegria foi-se desde que eu soube o que era amor!.. Olha lá, João... não o viste hoje? não viste o meu amado Frederico?

João Lopes

Fale baixinho, menina. Olhe que o Sr.. morgado ainda há bocado me esteve dizendo que desconfia que ele anda por aqui de noite. A fidalga acautele-o; que não vão os criados chegar-lhe ao forro da camisa...

Morgadinha *(erguendo-se colérica)*

Façam isso, que os esgano! Que lhe ponham um dedo, e verão quem é a morgada de Val-d'Amores!

João Lopes

Não grite assim, que o seu pai, se a ouve, quem as paga sou eu. A falar a verdade, eu não desgosto do Sr.. Frederico; mas, em fim, esta aquela de ser escrivão, é ruim modo de vida para poder casar com a Sra. morgadinha...

Morgadinha

Isso que tem!? Todos somos iguais; e o coração, quando ama, não quer saber de contos. Uma pessoa não está lá a averiguar se o objeto amado é fidalgo ou plebeu. Tem-se visto rainhas casarem com pastores, e reis casarem com pastoras.

João Lopes

Cá no conselho de Santo Tirso não me consta, há de perdoar.

Morgadinha

Mas lá por esse mundo fora acontece isso a cada passo. Tu é porque não lês os livros das histórias. Eu te lerei casos que aconteceram... E então que tinha que eu casasse com um escrivão?

João Lopes

Em fim, em fim, o paizinho da fidalga foi capitão-mor, seu avô foi desembargador, e o seu bisavô foi sargento mór de batalha no Rossilhão...

Morgadinha

Vai dizendo até chegar a Adão e Eva, vai dizendo, e eu depois te direi de quem eu e mais tu somos netos.

João Lopes

Isso assim é, não há duvida; mas, diz lá o ditado, lé com lé, e cré com cré.

Morgadinha

Não quero saber de ditados! *(com força)* Este amor só mo arrancar do peito a morte!

João Lopes *(apontando para o brasão)*

Fidalga, ponha os olhos nas armas reais dos seus antepassados.

Morgadinha

Ora! não tenho mais que fazer... Cuidas que eu não sei que o meu avô casou com uma criada? Mostra-me onde estão ali as armas da criada. Bem se importou ele das armas, nem do Berzabu que as leve! É o que faltava... estar-me eu aqui a definhar por amor da pedra! As armas são de pedra, e eu sou de carne e osso, ouviste?

João Lopes

A fidalga responde a tudo, e não há remedio senão calar-se um homem, que a trouxe nos braços desde os três anos, e sou capaz de me meter no inferno vestido e calçado por causa da minha menina. *(Sensibiliza-se.)*

Morgadinha

Sei o que tenho em ti, meu João Lopes... Vais tu aí ao cimo do pinhal a ver se o vês pela estrada?.. Ele disse-me que havia de passar para a romaria ás seis da tarde. Se o encontrares, diz-lhe que o meu pai se está a vestir para ir também, e que ele pôde demorar-se a conversar comigo um bocadinho.

João Lopes

Vou ver se o avisto; mas, menina do meu coração, olhe que o seu pai anda à espreita e traz espias... Nós temos grande desgraça pela porta...

Morgadinha *(energicamente)*

Não morro de medo, já te disse. A mulher que ama não tem medo de nada!

João Lopes

Seja assim; mas, se lhe quebram o espinhaço a ele! Coitado do homem, é tão delgadito que, se o apanha o vento de um pão, ele vai a terra...

Morgadinha

Quem lhe bater?! Cuidas que ele não anda armado? Que se atrevam somente a ameaça-lo!..

João Lopes

Cá vou, cá vou, não se desespere. *(Sai.)*

CENA VII

MORGADINHA

(Senta-se quebrantada e triste)

Ai! Quem me dera casar!.. Quem me dera casar com Frederico Artur!.. (Musica de surdina) Como eu gosto dele! Há mais de dois anos que este meu coração padece! Não há noite em que eu não sonhe duas vezes com a sua imagem... Quando acordo, e o não vejo, a minha vontade é chorar, chorar, chorar! Perdi a vontade de comer! Tudo me faz fastio. Os cirurgiões mandam-me tomar águas férreas!.. e só eu sei o que tenho! O meu mal é aqui!.. (a mão sobre o coração) Oh céus! quanto eu sou desgraçada sem o meu Frederico! (Ergue-se, e fala com muito sentimento. Música plangente.) Quando eu o vi, pela primeira vez, foi na hospedaria das Caldas de Vizela, onde meu pai tratava do seu reumático. Estávamos a jantar quando ele entrou, e o meu pai ofereceu-lhe frango com ervilhas. Ele agradeceu, mas não comeu, dizendo que o seu jantar era um ovo

quente. E daí a pouco, trouxeram-lhe um ovo quente numa tigela; e ele comeu o ovo, bebeu um copo de água fresca, e disse que tinha jantado! Como eu fiquei triste e pensativa a olhar para ele, e ele para mim! Perguntei-lhe, sem o pai ouvir, se podia viver só com um ovo, e ele respondeu que a sua alma se sustentava com a esperança de ser amado por mim... e com três ovos por dia. Oh! que lembranças estas, que lembranças estas! (chora) E vai depois, disse-lhe eu: «O Sr.. está assim magro porque come muito pouquinho; se gosta de ovos coma uma dúzia deles de cada vez»; e ele pregou-me os seus lindos olhos, e respondeu a suspirar: «Que me importa o corpo? a mim o que me importa é o coração que é grande; e, se o corpo é magro, mais depressa me reduzirei a cinzas se V. Ex.ª me desprezar.» Isto fez-me no peito mossa! fiquei presa deste dito; senti por aqui acima uma fogueira que me pôs a cara em brasas vivas, e não lhe disse coisa de jeito porque fiquei um pedaço entalada. Depois, ao despedir-monos, com muita vergonha, sempre pude dizer-lhe: «amo-vos, meu bem!» Ora aqui está como começou isto. Desde então para cá apenas lhe tenho falado umas três dúzias de vezes da janela para o caminho... Sinto-me muito acabada; e, se isto assim dura,

não vou longe. Ele também está no osso, o meu pobre Frederico!.. Antes de começar estes amores, eu pesava cinco arrobas e seis arráteis pela medida antiga; pois aqui há oito dias pesei-me de novo, e tinha mingado duas arrobas. Assim não podemos viver, nem eu nem ele. (Com força, que a musica imita.) É preciso acabar com isto de uma maneira ou doutra. se o meu pai quer, quer; senão quer, quero eu. Uma mulher não pôde ser escrava da sua fidalguia. Antes quero ser esposa de um escrivão, e viver contente, que ser a morgadinha de Val-d'Amores, e estar-me aqui a pôr na espinha... (Ouve-se rumor de vozes fora.) É o meu papá!.. (Senta-se.) Vem-me empatar as vazas...

CENA VIII

PANTALEÃO, MACÁRIO, E A MORGADINHA

(Macário é um sujeito de óculos e casaca de briche, já de anos, e ar circunspecto)

Pantaleão (à parte ao boticário)

Veja lá como lhe fala... Olhe que ela é finória... (á filha) Cá me vou preparar, Joaninha. Aqui te deixo o Sr.. Macário para não ficares sozinha. (Sai.)

CENA IX

MACÁRIO E A MORGADINHA

Macário

Tenha V. Ex.ª muito boas tardes.

Morgadinha *(enfastiada)*

Viva, Sr.. Macário, as mesmas.

Macário

Tem-lhe passado o fastio? Aquele emplasto confortativo que eu lhe mandei fez-lhe bem?

Morgadinha

Não o pus: cheirava a pez.

Macário

De pez de vergonha era; fui eu mesmo que o manipulei... Então, a Sra. morgadinha vai ao arraial?

Morgadinha

Vou.

Macário

Faz muito bem; que lá encontrar pessoa que muito interessa a V. Ex.ª... enganei-me... pessoa que muito se interessa em ver V. Ex.ª queria eu dizer.

Morgadinha

Como é isso? não percebi.

Macário

Eu me vou explicar. Eu cheguei ontem de Guimarães, onde estive com o Sr.. deputado Cosme Jordão, um sábio que tem votado grandes falas no parlamento... Há de ter ouvido falar V. Ex.ª...

Morgadinha

Não sei nada de parlamentos, não leio periódicos.

Macário

Pois, minha Sr..ª, o doutor Cosme Jordão é um sujeito conhecido em todo o mundo, e lá na corte até vai ao palácio do rei e come lá...

Morgadinha

Deixa-lo comer, que tenho eu com isso?

Macário *(à parte)*

Não faço nada! está hoje levadinha dos diabos.

Morgadinha

Vamos, diga lá, Sr.. Macário.

Macário

Pois este deputado vai hoje à romaria do S. João.

Morgadinha

Deixa-lo ir; que se divirta. Então é esse o homem que me quer ver?

Macário

Eu me explico. O Sr.. deputado Cosme diz que vira V. Ex.ª...

Morgadinha

Ainda bem; é sinal que não é cego. E que mais?

Macário

E que ficou muito agradado de V. Ex.ª...

Morgadinha

Pois tem mão gosto e perde o tempo. Que mais?

Macário

V. Ex.ª, se o vir, não falar assim. É ainda homem de boa idade, cheio de corpo, com uns óculos que lhe dão muito respeito à cara.

Morgadinha

Ora! óculos de respeito! que me importa cá a mim os óculos do homem? sabe que mais, Sr.. Macário? (Põem-se a bamboar uma perna sobre a outra, e a trautear o «Pretinho que vem de Angola».)

Macário

Finalmente, Sra. morgadinha, como V. Ex.ª quiser; mas lembre-se de que o seu pai deve à fazenda nacional uns seis contos de réis, e que o Sr.. doutor Cosme, casando nesta casa, fazer com que o seu pai não pague nada, e mesmo no futuro lhe não lancem impostos.

Morgadinha

Não me seque, Sr.. Macário. Vossemecê queria que o meu pai pagasse comigo ao tal Cosme o que deve à fazenda? Pois que pague com o que é dele, e que me deixe com menos dote. Tenho dito, e deixemo-nos de lerias. Meta-se lá na sua botica e não se faça casamenteiro. Vá fazer xaropes.

Macário *(à parte retirando-se)*

Apre com a cabra!

Morgadinha

Que tal está o sacripanta!

CENA X

JOÃO LOPES, ESPREITANDO A MORGADINHA, E DEPOIS FREDERICO

João Lopes

Psiu, psiu.

Morgadinha *(sobressaltada)*

Viste-o?

João Lopes

Ele aí vem... Eu vou espreitar, e assim que eu tossir que fuja para a carvalheira.

Frederico

Anjo! Milagre de beleza, Joana querida, não sentes nestas mãos o vibrar da alma?

Morgadinha *(muito terna)*

Como estás tu? Passaste bem desde ontem?

Frederico

Pergunta ao lírio do vale o que lhe pende a cara quando o orvalho do céu lhe não esfria os queimores do sol estivo.

Morgadinha

Olha lá, Frederico, tenho a avisar-te, antes de mais nada, que é preciso andares prevenido...

Frederico

Temos sicários? Há aqui vampiros? A vindicta paterna tem sede do meu sangue? Eis aqui o peito. Que mo farpem, que mo fendam, que mo alanceiem, que mo lancetem. Tudo por

ti, tudo por ti, ó estrela, ó loira visão dos meus sonhos! *(Rumor fora.)*

Morgadinha

Foge... esconde-te entre as árvores... *(Frederico some-se.)*

CENA XI

MORGADINHA, OS DOIS CAMPÓNIOS QUE VÃO PASSANDO, E DEPOIS FREDERICO

(Um campónio tange flautim e outro viola. Duas moças à frente batendo palmas ao compasso do canto, e saltando)

Um campónio *(cantando)*

Muito bem seja aparecido

Seja aparecido

Nesta função. *(Batendo palmas)*

(CORO)

Bate as palmas com o seu peixinho

Com o seu peixinho

Com seu pexão. (Repete)

(Assim que eles passam, a Morgadinha sai do portão, e logo Frederico do esconderijo)

Frederico

Mas dizias tu, pomba?

Morgadinha

Que te acautelasses dos meus criados quando vens de noite. Deves vir bem armado.

Frederico

Armado! para quê? Tu não sabes que o teu amor é talismã que prostra gigantes! As minhas armas são os raios de fogo que bebo dos teus olhos; tenho vesúvios na alma capazes de abraçar cidades!

Morgadinha

Isto não é chalaça, meu amado Frederico! Peço-te que tenhas cuidado, muito cuidado. Se eu pudesse estar sempre ao teu lado, não temeria ninguém... Tu verias o que é a morgada de Val-d’Amores... Mas eu não sei como isto ser... Bem sabes que o meu pai tem a mania de fidalgo...

Frederico *(interrompendo-a com exaltação)*

Fidalgo! que é fidalgo?! palavra obsoleta em 1871! Que é fidalgo? a sola velha e inútil de um borzeguim do seculo XV! Oh! então é certo que o teu pai ignora, que o batismo de sangue da revolução francesa lavou todas as manchas da desigualdade entre homem e homem! Oh! a revolução! o segundo cristianismo! Que é fidalgo? teu pai não sabe que aquele brasão darmas (apontando) está ali como a pedra sepulcral das cinzas feudais! Teu pai está debaixo do sol e não sente o calor da fermentação social! Ouve o estrondear da democracia reinante, e volta a face para os fantasmas dos avoengos que se somem lá em baixo no abismo da história!

Morgadinha

Não sei lá dessas histórias; o que te peço é que não te exponhas a levar alguma paulada à falsa fé. Olha que os meus criados são uns patifes, e o meu pai não é boa rés, quando se arrenega. Pensa no que se fazer, porque ele não nos dá consentimento para nos casarmos.

Frederico

Hei de movê-lo com a eloquência de um homem aquecido no sol moderno. Hei de convencê-lo, enchendo-lhe o espirito de luz e o coração de ideias novas.

Morgadinha

Não te metas nessa asneira, que não fazes nada. *(Tem-se já ouvido toada de musica da chula, e depois a tosse rija de João Lopes. Frederico some-se sem ser preciso manda-lo. A morgadinha fica.)*

CENA XII

MORGADINHA

(Chega uma chulata que vai de passagem para a Romaria. Bando de raparigas que precedem, bailando; tocadores de rebeca, viola, clarinete, ferrinhos e requinta. A esturdia pára em frente da morgadinha, e continua dançando cada rapariga com o seu parceiro.)

COPLAS DE DESAFIO

(Em quanto o cantador deita a cantiga, tange somente a viola. Entre os dois primeiros versos e os dois últimos de cada quadra há um espaço que dá lugar a que toquem por alguns segundos todos os instrumentos.)

Cantador

Agora que eu vou passando,

Faço aqui minha parada;

Para saber da saúde

Da excelentíssima morgada.

Cantadeira

Da excelentíssima morgada

Também eu quero saber,

Que mais linda criatura

Não na pôde o mundo ter.

Cantador

Não na pôde o mundo ter

Nem terá até ao fim;

Os seus olhos são de amoras,

Os seus dentes de marfim.

Cantadeira

Se tem dentes de marfim,

O seu rosto é uma rosa;

E viva sua excelência

Que não na há mais fermosa.

Cantador

Quero dar a despedida

Á senhora Morgadinha;

Que não há por estas terras

Mais bonita fidalguinha.

Cantadeira

Eu também vou despedir-me,

Despedida quero dar;

Adeus, senhora morgada,

Sirva-se de perdoar.

(A morgadinha agradece-lhes com um aceno de lenço. O bando sai tocando e dançando. Assim que o descante se ouve froixamente, volta Frederico.)

CENA XIII

MORGADINHA E FREDERICO

Frederico

Tenho odio a estes selvagens que me roubaram horas de vida! Quando sairão os lorpas da face da terra?

Morgadinha

É verdade, Frederico! Trouxeste-me os figurinos?

Frederico

Ei-los chegados hoje de Lisboa.

Morgadinha *(examinando-os)*

Ai! que demónio de mulheres! Pois elas trazem estes vestidos assim encospiados nas pernas!?

Frederico

Oh! isto é a elegância circassiana! é a forma na sua diafaneidade sublime; há aqui a poesia do fino, a mulher parece toda nervosa, é o lirismo da plástica...

Morgadinha *(rindo)*

Se eu te percebo, cebo! Boa cataplasma me parece este molho de clinas e saca-rolhas que elas têm na cabeça.

Frederico

Não blasfemes! Ó Joaninha, veste-te assim; realça, sobredoura a tua beleza com estes adornos que angelizam a mulher de compleição robusta, e transformam a mimosa em coisa ideal vestida de vapores. A mulher assim envolta em roupagens etéreas é um madrigal de cetim que caiu das liras dos anjos.

Morgadinha

Pois sim, faço-te a vontade. Vou mandar comprar no Porto esta trapalhice toda...

CENA XIV

OS MESMOS E PANTALEÃO

(Abre-se o portão repentinamente e aparece súbito Pantaleão. Frederico ainda faz um ímpeto de fuga, mas contem-se, e corteja muito urbanamente o fidalgo.)

Frederico

Passava para a romaria, e, como visse S. Ex.ª (indicando a morgadinha) vim depor aos seus pés os meus respeitosos com cumprimentos, e informar-me da saúde de V. Ex.ª

Pantaleão

Estou bom, muito obrigado. Onde está o João Lopes?

Morgadinha

Foi aparelhar a burra.

Pantaleão

Vai tu preparar-te que são horas.

Morgadinha

Quer ver como agora são as modas, papá? olhe. O Sr.. Frederico vai levar estes figurinos ás nossas primas de Ruivães.

Pantaleão

Pois faz-me o Sr.. muito favor se me cá não trouxer bonecos a casa. Nós cá não somos de modas.

Frederico

Direi a V. Ex.ª, Sr.. morgado, que as modas têm certa relação com o espirito das gerações e das épocas. Agora

que o entendimento humano se adelgaça, o involucro material também se subtiliza nas raças finas...

Pantaleão *(medindo-o de alto a baixo com ironia)*

Bem se vê que o Sr.. escrivão é de uma raça muito fina... pelo muito adelgaçado que está...

Frederico

Não me jacto de prosápia heráldica; mas, na hierarquia dos espíritos, preso-me de pertencer ao bando mais iluminado. Respeito muito o brasão; mas curvo-me diante da aristocracia do génio e do talento.

Pantaleão

Sim, o Sr.. tem muito talento, bem sei... Já te disse, Joana, que te vás arranjar.

Morgadinha

Adeus, Sr.. Frederico, muito obrigada. *(Sai.)*

CENA XV

PANTALEÃO E FREDERICO

Frederico

Criado de V. Ex.ª *(Vai a sair; mas Pantaleão detém-no.)*

Pantaleão

Faça favor.

Frederico

Escuto as suas ordens.

Pantaleão

O Sr.. anda muito mal encaminhado. A minha filha é a morgada de Val-d’Amores; o Sr.. é o escrivão de fazenda de

Santo Tirso. Estão um do outro tão longe como aquela pedra darmas do rebolo de um sapateiro, entendeu?

Frederico

Entendi, que V. Ex. tem um estilo bastante chato. Entendi, posto que V. Ex. fale uma linguagem assaz gótica em pleno seculo XIX.

Pantaleão

Pois se entendeu, tire o seu atrevido pensamento da minha filha, e procure a forma do seu pé. Não me obrigue a usar dos usos e costumes dos meus avós. Quer que lhos diga?

Frederico

Heroísmos dos seus ascendentes? Essas Odisseia da aldeia são hoje impraticáveis. Eu sei em que tempos vivemos, Sr. morgado.

Pantaleão

Sabe? pois olhe que não sabe em que terra vive. O Sr.. veio lá de Lisboa onde qualquer bigorrilhas, que põe gravata, entende que é igual a todo o homem que põe gravata; o que o bigorrilhas não quer é ser igual a todo o homem que não tem gravata.

Frederico

Aí há certa sublimidade de ideia, de que lhe dou os parabéns. V. Ex. ia quase escrevendo de um traço a história filosófica da democracia moderna.

Pantaleão

Eu não escrevo história nenhuma; o que eu lhe digo é que isto cá nas montanhas é outra coisa. Os morgados são morgados; os escrivães são escrivães; e os sapateiros são sapateiros. Ora, quando acontece alguém querer sair da sua classe, primeiro avisa-se; depois quebram-se-lhe as costelas. O Sr.. sabia isto?

Frederico

Eu não sabia que estava na Cafraria. Cuidei que este concelho era um retalho do Portugal civilizado; cuidei que a luz do grande foco radiara uma flecha de luz até ao coração de V. Ex.ª que me parece ser uma pessoa de bons costumes, e não um esquimó. Cuidei finalmente que o Evangelho e a Carta constitucional livelavam a dignidade humana... *(Ouve-se o cantar das raparigas que se avizinha.)*

Pantaleão

Enganou-se comigo. Eu sou Pantaleão Cogominho de Encerrabódes, décimo oitavo senhor do morgadio de Val-d'Amores. Quem houver de casar com a minha filha poder deixar apelidos nobres ao vigésimo senhor desta casa. Tenho dito, e acabou-se o cavaco. Saúde e juízo. *(Volta-lhe as costas. Frederico bamboa a cabeça altivamente e retira-se.)*

CENA XVI

MORGADINHA, PANTALEÃO, E O BANDO DAS MOÇAS E TOCADORES QUE APARECERAM NA TERCEIRA CENA

(A Morgadinha sai sentada sobre a jumenta. Vem vestida de Amazona. João Lopes de farda azul com vivos vermelhos, bota de orelha e prateleira, colete encarnado, e chapéu embreado, tudo à antiga e grutesco, vem trazendo a burra pela rédea. As raparigas estão cantando as seguintes):

COPLAS

(UMA VOZ)

De ondes vens ó velha?

Eu venho da feira.

(CORO)

Que trazes na cesta?

Crá, crá, crá,

Sardinha vareira,

Cri, cri, cri,

Por a retangueira;

Cró, cró, cró,

Se o galo cantou.

(UMA VOZ)

Se o galo cantou

Deixa-lo cantar.

(CORO)

Minha rica prenda

Crá, crá, crá,

Lá da beira mar

Cri, cri, cri,

Pela retangueira,

Cró, cró, cró,

Se o galo cantou.

(UMA VOZ)

Donde vens ó velha?

Eu venho dali.

(CORO)

Que trazes na cesta?

Crá, crá, crá,

Que te importa a ti,

Cri, cri, cri,

Pela retangueira,

Cró, cró, cró,

Se o galo cantou.

(Continua o canto ao descer do pano.)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO

Vista de arraial. É noite. Festões de lâmpadas de papel variegado pendem dos ramalhos das árvores. Mulheres a frigir, ao lado das pipas cobertas de ramos de folhagem. Barracas com botequins. Multidão de povo a beber à volta das pipas. Sinos repicando, e estouros de foguetes. De ambos os lados da cena, mas fora, se canta o «S. João» com vozes alternadas. Frederico passeia por entre o povo, mirando as raparigas. Os dois já conhecidos criados de Pantaleão, com as pernas encruzadas nos varapaus, medem de alto a baixo Frederico, e rompem a joga-los um com outro. Frederico, por uma das suas evoluções maravilhosas de rapidez, desaparece. O povo ri-se, e ele reaparece logo, seguido por três cabos armados. Os cabos usam bonet com debrum azul. Cessam as cantilenas, e rompe a banda musical de Santo Triso, estrondosa em trompões, a qual entra em cena tocando uma marcha. Os músicos uniformes,

de calça branca, casaco azul com vivos amarelos, o bonet avivado da mesma cor. As figuras podem caracterizar-se caprichosamente. Em seguida, entra a Morgadinha, com o pai, Macário, Cosme Giraldes, e João Lopes. Cosme Giraldes é um sujeito gordo, aspeito seria, com os seus óculos, um todo de suma gravidade. Os circunstantes cedem o lugar aos recém-chegados, que formam grupos.

CENA I

TODOS OS DESCRITOS (GRUPO DA MORGADINHA E COSME GIRALDES)

Cosme *(com gesto de orador e com grandes pausas, à Morgadinha)*

A festa animou-se com a auspiciosa chegada de V. Ex.ª O sol do empíreo e uma senhora bela, que é o sol dos corações sensíveis, onde brilham, tudo reanimam. Assaz ditoso me julgo em ser o mais feliz dos mortais que se sentem influenciados e entusiasmados pelos lumes encantadores de V. Ex.ª Falta, todavia, à minha completa dita a certeza de que os meus afetuosos requebros acham graça nos seus olhos.

Morgadinha *(com desdém)*

Eu não lhe acho graça nenhuma.

Cosme

Como assim, divina ingrata?

Morgadinha

Já disse ao boticário o que tinha a dizer.

Cosme

Pois o seu coração...

Morgadinha

Está dado. Eu cá sou franca. Não perca tempo.

Cosme

Não há duvida que ouvi dizer que V. Ex.ª, vítima de uma alucinação, aceitava a corte de um esgrouvinhado

arcaboiço que exerce as ladras funções de escrivão da fazenda! Hei de eu, ó céus! acreditar que...

Morgadinha

Sim, Sr.., acredite, e faça favor de me não incomodar que eu vim à romaria para me divertir. (Volta-lhe as costas.) Ó papá, quando se faz o Auto do Natal? (Ouve-se a musica tocando uma marcha.)

Pantaleão

É já. Mandei vir as figuras para aqui. Vai começar. Ó amigos, desempachem o terreiro que chega o espetáculo. (O povo retira e apinha-se entre cenas.)

CENA II

OS MESMOS, E AS FIGURAS ABAIXO DESCRITAS EM LUGAR COMPETENTE

(A musica entra a passo muito cadenciado com grandes pernadas. Chegada à boca do palco, alinha a um lado para dar o passo aos dois primeiros personagens do auto):

Cena I do Auto

ADÓNIS E MANASSÉS

(Adónis traja de príncipe de carnaval; Manassés veste de profeta de procissão; mas toda a fatiota é muito usada e desbotada. Adónis traz um cavaquinho.)

Adónis *(com declamação muito boçal)*

Canta, Manassés, que eu te acompanho; para isso com esta harpa vanho.

Manassés *(canta com ar inspirado, gesticulando estupidamente)*

O céu estrelado,

Sereno e propicio,

Será pois indicio

Do sol desejado.

(CORO DE PASTORES)

(Vozes femininas dentro)

Quem o habitará?

Quem o gozará?

Manassés *(cantando)*

Vede a paz serena desta noite;

Nascerá a estrela de Jacó?

O gado sossegado adivinha;

Não se bole no ninho a avezinha.

(CORO)

Quem o habitará?

Quem o gozará?

Adónis *(declamando, e passeando com grandes passos)*

Oh! que terno, caro Manassés, cantastes! O conceito da tua cançoneta amorosa me traz doces lembranças. Ainda nos nossos dias, veremos realizadas as profecias? Não caibo na pele de estifeito; dá-me pancadas o coração neste peito! (Frederico despede um impulso de riso. Espantam-se os circunstantes.)

Macário

O senhor está a mangar destes actos sérios?!

Frederico

Pois isto é sério! então não há nada ridículo neste mundo senão o Sr.. boticário.

Macário

O senhor é muito mal criado, é um incivil, é... é... um escrivão!

Morgadinha

Sr. Macário, não esteja a interromper o auto. Deixe lá rir quem quer rir; chore vossemecê, se tem vontade.

Pantaleão

Continuem lá vocês com isso.

Cena II do Auto

VOZ de uma PASTORA, CANTANDO DENTRO

Ó Deus do céu, e da terra,

Ó vós que podeis tanto,

Ouvi os nossos clamores

Sede propício, ó Deus santo!

CORO (dos pastores)

Do povo amado,

Mandai o desejado.

(Os que estão no palco fazem cenas mudas de ternura muito lorpas.)

Manassés

Escuta! Não foi Ruiva, a pastora que cantou?

Adónis

Foi. E os pastores também, que nenhum dorme.

Cena III do Auto

O VELHO SIMEÃO E RUIVA

(O velho vestido de peles de carneiro. Ruiva de pastorinha, com um cordeiro branco nos braços)

Simeão *(com os olhos no firmamento)*

Incelso, interno rei sobrano, que sobre os crebins tens assento, “oubide” os nossos lamentos.

(CORO)

Do povo amado,

Mandai o desejado.

Manassés

Agora creio no mistério oculto desta noite. Rebela que todos os pastores tem um só pensamento.

Simeão

Vinde pastores aqui todos; neste campo contemplaremos o silêncio da noite, que o autor de altos mistérios anuncia.

Frederico *(escancarando a boca)*

Que aborrecimento!

Macário e Cosme

Chiu! *(prolongado.)*

Cena IV do Auto

ENTRAM PASTORINHOS E PASTORINHAS

Ruiva *(declamando)*

Aqui vimos, meus senhores,

Adorar nós o menino:

No seu santo nascimento

Com grande contentamento.

(CORO)

Se o menino é nascido,

Nós o “bamos” procurar;

Aparecei, senhor menino,

Que vos queremos adorar.

(Saem por diversos lados.)

Cena V do Auto

UM REI TURCO E DEPOIS OUTROS FIGURÕES

Rei turco *(Com uma cara horripilante, e trejeitos assustadores)*

Sou o turco rei, que é

Valoroso na arrogância;

Por ser filho da fortuna

E neto da extravagancia!

(Corre brandindo a espada de um lado a outro.)

De moiriscos reis nasci,

Sou seu filho alentado,

O meu braço furibundo

Deixa tudo escangalhado.

Com esta espada sou capaz

De entrar pelo inferno dentro

E pôr tudo em mil pedaços

Que eu sou um rei sanguinolento!

(Risada de Frederico.)

Cosme

Já é pertinácia de espirito-forte e ateu estar aí o senhor a gargalhar em tão solene passo!

Frederico

Solene passo, diz o nobre deputado! chamar solene passo à prostituição da arte!

Macário

O Sr.. é que é uma prostituição! Bem disse aqui S. Ex.ª que o senhor é um ateu! um impio que zomba dos mistérios dogmáticos!

Vozes *(dentro)*

Quebra-se-lhe a cabeça! — Bordoada rija! — Vamos a ele!

Morgadinha (erguendo-se colérica)

Essa canalha que se cale! Ó João Lopes, onde está o regedor?

João Lopes

Saberá V. Ex.ª que o regedor tomou tamanha turca que está a coze-la no palheiro de um lavrador.

Cosme (com enfâse)

Um regedor crapuloso desacredita o funcionalismo e perverte a ordem social. A autoridade que dá o exemplo da relaxação dos costumes não pôde educar as massas. É necessário que não se desvirtue e desprestigie o funcionalismo, com a embriaguez dos regedores. Parece que estamos chegados à desmoralização do Baixo-império!

Macário

Apoiado!

Morgadinha

Então os Srs. fazem favor de deixar continuar o auto?

Pantaleão *(ao Rei turco)*

Ó Zé da Custodia, diz lá o que tinhas a dizer.

Rei turco

Se isto não leva rumor, acaba-se a pandega!

Frederico

Magnificamente! Está a coisa definida: isto é uma pandega, e querem os moralões que a gente se desfaça em lagrimas!

Faça favor de continuar, Sr.. rei turco, que eu estou sério, e talvez chore.

Rei turco

Agora não sou eu que boto a fala, é o outro rei. Entra, ó Manel Zarolho! (Chamando para dentro.) O Manel Zarolho é o rei cristão. (Explicando.)

Cena VI do Auto

(Entra um Rei cristão com muitos pastores e pastoras)

Rei cristão

Eu trago os meus companheiros

Fieis à minha nação,

Para te convencer, ó turco,

E para te fazer cristão.

Rei turco

Para onde ides, romanos,

Que tão alegres vos vejo?

Rei cristão

Festejar o menino nado

Que é todo o nosso desejo

Rei turco

Que é do passaporte?

Rei cristão

Passaporte não trazemos,

Se nos não deixas passar

Para traz nós tornaremos.

Rei turco

Para traz não heis de tornar;

Que eu vou buscar algemas,

Que vos quero algemar.

Pastores e pastoras *(cantando)*

Milagroso Deus menino,

Esta obra vossa é;

Ajudai-o a vencer

O turco inimigo da fé.

Rei cristão

Saca lá da tua espada!

Rei turco *(arrancando para ele)*

Ó cão, que sova tu levas!

Cena VII do Auto

OS MESMOS E UM ANJO, QUE SE METE no meio DOS DOIS REIS

Canta:

Detém-te, bárbaro turco!

Cessa a tua infeliz sorte;

Faz-te cristão, que não tarda

Que te apanhe a feia morte.

CORO (dos pastores)

Faz-te cristão que não tarda

Que te apanhe a feia morte.

Rei turco (declama)

Eu sou o rei Almirante

La do reino da Turquia;

Nunca fui prisoneiro,

Só do rei da Alexandria!

O Anjo *(canta)*

Detém-te bárbaro turco, etc.

CORO *(dos pastores)*

Faz-te cristão que não tarda

Que te apanhe a feia morte.

Rei turco *(aflito)*

Que é isto? que sinto? que tenho eu aqui? *(Com a mão sobre o estômago)* Que tenho eu aqui?

Frederico

Há de ser vinho. *(A Morgadinha ri-se ás escancaras.)*

Macário *(sobremodo indignado)*

Não há notícia de tamanho escândalo!.. O Sr.. escrivão está mostrando que é um homem de sentimentos muito hereges!..

Cosme

E eu assaz me espanto que a Sra. morgadinha aplauda com a sua hilaridade estas interrupções indecentes!

Rei turco *(zangado)*

Eu cá é que não estou pra chalaças!.. Passem por cá muito bem. Por aqui me esgueiro. Ó rapaziada, vamos embora. Manda tocar a marcha ó Antonho da Pêga. *(Sai com os personagens do auto, atrás da Musica, que vai tocando a marcha.)*

CENA III

OS MESMOS, EXCETO OS PERSONAGENS DO AUTO

(Grande movimento e rápido. Macário gesticula com Jordão, e Pantaleão com a filha. Alguns campónios de varapau fazem cerco a Frederico. A morgadinha passa por meio deles, bamboando a cabeça e vibrando o chicotinho. Frederico passeia com os cabos. Os campónios retiram-se, relançando olhos ameaçadores ao escrivão.)

Morgadinha

Isto já me aborrece, papá...

Pantaleão

Vamos embora, menina?

Morgadinha

Por em quanto não: quero ver o fogo prezo; mas vou descansar um pouquinho a casa dos caseiros.

Pantaleão

Vai, que eu vou buscar-te assim que começar o fogo.

Morgadinha

Ó João Lopes, vem comigo. (Saem. Frederico retira-se pelo outro lado com os cabos.)

CENA IV

MACÁRIO, COSME E PANTALEÃO

(Formam um grupo à parte, do povo que gira no fundo)

Macário

Ó Sr.. morgado, pois V. Ex.ª deixa fugir esta ocasião de fazer quebrar o espinhaço ao morôto?

Pantaleão

A ocasião boa é; mas é que eu não quero que a minha filha assista, porque ela é capaz de se meter no meio da desordem.

Cosme

Pelo que observo, esta sua filha é uma heroína grega ou romana, Sr.. morgado! Ela faz lembrar a Pentesileia do

Virgílio, e outras façanhudas mulheres da história antiga! Nos tempos presentes, sou a dizer a V. Ex.ª que a mulher quer-se frágil, meiga e timorata; e por tanto permita que eu censure a educação que deu a sua filha!

Pantaleão *(dócil)*

Que quer V. Ex.ª? É filha única, ficou sem mãe muito cedo, e foi criada à laia de rapaz, a trepar ás árvores, a atirar aos pássaros, e a jogar o pão; em fim, confesso que andei mal avisado. Eu então achava-lhe muita graça; hoje não lhe acho nenhuma; mas já não posso emendar a mão. É tarde; minha filha tem vinte e seis anos; ser difícil corrigir-se, só se o casamento fizer a mudança, e espero que faça.

Cosme

Se o casamento fizer a mudança! Ora essa! Pobre marido que não tem os focinhos direitos vinte e quatro horas! Eu cá por mim, Sr.. morgado, confesso que tive certos intentos matrimoniais com ela; à vista, porém, das suas informações, declaro que desisto e renuncio, porque me

não sinto com forças e habilidade para domesticar uma cobra-cascavel...

Pantaleão *(formalizado)*

Não consinto que o Sr.. Cosme chame cobra a minha filha!

Cosme

Isto é uma comparação retórica, literariamente falando.

Macário

É retórica... não se ofenda V. Ex.ª;... talvez ignore que a retórica é uma ciência que permite, a respeito de cobras cascavéis...

Pantaleão

Não quero saber de retoricas: exijo que a filha do Pantaleão Cogominho de Encerrabodes seja respeitada! (Volta as costas, e sai bufando.)

CENA V

COSME E MACÁRIO

Cosme

Isto é uma família de hotentotes! Cheiram ao sertão estes selvagens! Do que eu me escapei! Se caio nas mãos destes dois bárbaros da idade media! Parece-me uma relíquia de ostrogodos esta gente! E vossemecê, Sr.. Macário, a dizer-me que esta fidalga tinha uma educação fina!

Macário

Fina, não disse: perdoar-me, Sr.. doutor Cosme; eu disse-lhe que ela era finória; de fina pra finória vai diferença, fisicamente falando.

Cosme

Perdão. Vossemecê disse-me que ela tivera fina educação.

Macário

Isso então foi retórica...

Cosme

Eu não admito retoricas em objeto tão sério como é o casamento! Olhem que educação fina a deste anjo! Trepa ás árvores, atira aos pássaros, e joga o pão! Que predicados estes tão mimosos para aumentarem as graças virginais de uma menina! Não lhe falta senão vestir-se de homem, que é agora o trajar das senhoras inocentes das novelas e dos dramas. Uma menina que enfia os seus pezinhos numas botas de canhão, e rompe com eles por umas pantalonas dentro, fica a recender um aroma suave de amores que nem açafétida! E a gente persuadir-se que mora uma alma muito cândida e muito pura dentro do peito que se albarda com um paletó de homem para arrotar francamente umas frases de bomba real que nos fazem comichões nos miolos e arrepios na espinha! Arreda! olha o que me estava

reservado para os quarenta e seis anos! Uma mulher assim paralisava-me as funções do intelecto, e lá se me iam as minhas ovações parlamentares! Primeiro que tudo, sou do meu país, devo-me à regeneração da minha pátria, sou homem público; e um homem público quando se casa deve faze-lo com dama que o não impeça nem apoquente. A fémea natural do homem político é a política; a esposa, para os homens devotados aos interesses materiais do seu círculo, significa tão somente um suplemento vivo e útil ás comodidades domésticas. Percebe vossemecê, Sr.. Macário?

Macário

Ora se percebo! A minha mulher cá para mim também é um suplemento há muitos anos; e mais eu faço-a trabalhar na politica enchendo os bilhetes de votos na eleição. Diz V. Ex.ª muito bem, que nós os homens públicos não temos tempo para cuidar de mulheres... (Reparando em Frederico) Aí vem o ateu...

Cosme

Vou-me safando que não quero palestras com este safio. *(Sai.)*

CENA VI

MACÁRIO E FREDERICO

Frederico *(encarando o outro com a costumada careta)*

O douto farmacopola está irado contra mim porque fui causa a interromper-se o escândalo do auto...

Macário

Eu não me meto com o senhor... Tenha a bondade de não embarrar cá por mim.

Frederico

A ciência é sempre orgulhosa. Façamos pazes e aliança, Sr.. Macário Mendes. Eu, com a minha ciência das coisas espirituais e o Sr.. com a sua ciência do basilicão e do óleo de mamona, podemos dominar este concelho, reunidas as

duas forças numa aspiração única. porque me faz guerra inexorável e crua, Sr.. Macário? Que lucra em impedir o meu consorcio com a Morgadinha? porque anda o Sr.. servindo de alcaiote deste alarve de Guimarães, que é o trompão grandioso das maiores asneiras cívicas assopradas na charanga parlamentar? O ofício do Sr.. Macário, neste negócio, desacredita um farmacêutico, que reúne ao conhecimento do gamão, ciência não vulgar da história dos doze Pares de França, e tem orvalhado com lagrimas os fastos sanguinosos de Roncesvalhes.

Macário

Vá gozar com o diabo que o leve... Eu lhe mostrarei brevemente quem é Macário Mendes... *(Sai.)*

CENA VII

FREDERICO, JOÃO LOPES, E CABOS

(As cantadeiras que no fim do 1.º acto acompanharam a morgada entram a cantar a moda com que se fechou o dito acto:)

Donde vens, ó velha,

Eu venho da feira, etc.

(Num intervalo da 1.ª à 2.ª trova João Lopes acerca-se de Frederico com disfarce)

João Lopes

Olhe, se foge, que o Sr.. vai levar pancada de criar bicho. Estão-se a preparar os valentões.

(Frederico apita rijo. Aparecem de diferentes saídas 6 cabos de polícia que escutam Frederico, em quanto se repete a cantilena. Finda a cantilena, ouve-se fora o rumor da desordem, e o estalido dos varapaus. As cantadeiras fogem alvoroçadas a dar gritos.)

CENA VIII

FREDERICO, CABOS, UM DESCONHECIDO, E CAMPÓNIOS

Frederico *(com intimativa bélica)*

Formem em linha. Carregar armas!

Um cabo

Estão carregadas.

Frederico

Vamos ser atacados pelos desordeiros. Á voz de fogo, atirem. (Vê-se atravessar a cena por entre o povo um Desconhecido de chapéu derrubado, o rosto coberto por um lenço, de caraça, polainas de briche nas pernas e pés, com um grosso pão de choupa. Próximos de Frederico os

valentões param, com os paus cruzados nas pernas, gingando em atitude ameaçadora. Frederico, não se desvia dos cabos. De repente, rompem de fora uns poucos varrendo o campo a pauladas.)

Frederico

Cabos de polícia, sentido! Preparar armas! (Sai perto da boca da cena o Desconhecido. Encosta-se ao pão observando os movimentos dos valentões, os quais vem já avançando, já recuando, crescendo sobre Frederico.)

Frederico *(aos cabos)*

Aperrar armas! (Uma paulada faz saltar a clavina das mãos de um cabo. Os outros fogem. Frederico recua, apitando rijamente. No maior aperto, o Desconhecido salta para a beira dele, descobre a choupa do pão, e arremete com os agressores. Estes, forçados pela destreza, fogem, logo que o primeiro cai de uma paulada. A vozeria cresce no momento em que o palco está despejado. O Desconhecido trava do braço de Frederico, e o traz à boca da cena.)

Frederico

Quem é o valente homem a quem devo a vida?! quem é?

Morgadinha *(arrancando o lenço do rosto)*

Sou eu! salvei-te, Frederico!

Frederico

Ó morgadinha de Val-d'Amores! Tu!.. oh! tu!.. Como és ideal e angelica! *(Ajoelhando.)*

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO

Salão da casa de Val-d'Amores. Mobília antiga de couro de Moscóvia. Reposteiros já envelhecidos com brasões. Alguns retractos. Um piano moderno.

CENA I

PANTALEÃO E MACÁRIO

Pantaleão

Como eu lhe vinha contando, amigo e Sr.. Macário Mendes, minha filha, desde que começou a vestir-se à moda, e a tocar piano, está muito distraída do troca-tintas do escrivão. Não anda por janelas, não sai de casa, e gasta alegremente o seu tempo a tocar, a cantar e a vestir-se. Isto custa-me um dinheiro calado; mas dou-o por bem empregado.

Macário

E quem é que ensina a Sra. morgadinha a tocar?

Pantaleão

É a mulher de um sujeito que se estabeleceu há pouco em Santo Tirso com loja de fazendas brancas...

Macário

Bem sei, bem sei.

Pantaleão

Foram lá as primas de Ruivães que fizeram a descoberta; mas o que tem muita graça é que o homem da mestra é tão ciumento que só a deixa ir a casas onde não há homens...

Macário

Que tal peseta é ela!..

Pantaleão

E para vir aqui, pôs por condição que a mulher só viria à noitinha acompanhada pelo marido que a deixa à porta, e vem por ela duas horas depois. Eu estive quase a não

aceitar tal professora por saber que o escrivão de fazenda estava muitas vezes na loja do marido; e receei que ela fosse medianeira de alguma carta...

Macário

E tem razão, Sr.. morgado... Veja lá!.. olhe que o mundo é um covil de marotos!

Pantaleão

Não há receio; que eu tratei de me informar, e soube que o lojista pôs fora da loja o velhaco do Frederico, por desconfiar que ele lhe trazia de olho a consorte.

Macário

Não que sem licença dele não há maior desmoralização neste mundo! Aquilo tem mesmo ideias de Sardanapalo! Ainda bem que lhe está por um fio a ladroeira da repartição...

Pantaleão

Conte lá isso então. Em que termos está a bernarda? Rebenta hoje ou amanhã?

Macário

Hoje. Está tudo alevantado quando for nove horas. Os sinos hão de tocar a rebate nas quatro freguesias mais chegadas, e o povo cai todo sobre Santo Triso, e faz cerco para que o escrivão não possa escapulir-se; que ele é leve como uma pena, e quando a gente mal se precatar, vê-o fazer vispre, zêpe-zêpe (expressão sibilante para imitar a rapidez da corrida.)

Pantaleão

Se ele fugir, amigo Macário, deixa-lo ir. Nada de o agarrar, que não vão os meus criados escadeira-lo e eu ter de o pagar por bom. O que eu desejo é que ele não apareça mais em Santo Tirso. Lá a respeito da papelada isso é queima-la

toda; que depois o governo como não tem cadernos para a cobrança dos impostos, não o manda para cá a ele nem a outro.

Macário

Grande ideia é essa, Sr.. morgado! E o governo faz uma economia bem boa. Se a gente fosse dando cabo dos empregados, ajudava o governo a fazer economias, porque depois não havia quem quisesse servir os empregos. O sistema é um bocado violento para os empregados, mas eu não vejo outro meio de os ir acabando...

Pantaleão

Não acho isso humanitário!

Macário

Meu caro amigo e Sr.. morgado, eu sou homem politico há trinta anos, leio jornais, e tenho feito muita soma de deputados; conheço por dentro e por fora o país e as suas

necessidades. Fique certo disto; em quanto se não der fim a uma casa a que os jornais chamam burocracia, não se endireita a pátria.

Pantaleão

Como se chama isso?

Macário

Burrocracia, que pelos modos é palavra de idioma francês, que vem a dizer empregado público.

Pantaleão

Sr. Macário, vá indo cá com as minhas ideias moderadas. O melhor sistema de se acabar com os escrivães de fazenda é queimar os cartórios. Eu lhe ponho uma comparação. Se eu queimar a palha que tenho, e não comprar outra, que me acontece à minha parelha de machos? Morrem de fome, não é verdade?

Macário

Isso é.

Pantaleão

Pois aí tem: os escrivães, em se lhe queimando os papéis, não tem que roer.

Macário *(duvidoso)*

Nada; a comparação dos machos não me convence, queira V. Ex.ª perdoar. *(Com energia)* Mata-los, mata-los, é o grande desiderato.

Pantaleão

E os papeis? deixam-se ficar?

Macário

Os papéis queimam-se, queimam-se as casas, queimam-se os escrivães! Nada de cataplasmas emolientes; o país o que precisa é cáusticos e ventosas.

Pantaleão

Ora vossemecê, Sr.. Macário Mendes, sabe que no cartório do tal pulha está o processo da execução que a fazenda nacional me move...

Macário

Por seis contos de uma fiança dos bens dos frades, sei muito bem... Esteja descansado, que não há de lá ficar papel em que se amortalhe um cigarro.

Pantaleão

Quem é o chefe da revolução?

Macário

Á falta de homens por hora sou eu; mas não sei a que os comandantes das freguesias decidirão. Já ouvi rosnar que eles querem aclamar V. Ex.ª general em chefe.

Pantaleão

Homem, tire isso da cabeça ás freguesias. Vossemecê bem sabe que eu ando muito adoentado dos intestinos, e não posso deixar de tomar o meu banho de canoa à noite. Dinheiro, sendo preciso, algum darei para a revolução; mas entrar nela em pessoa não posso por causa desta moléstia dos rins que me não deixa cavalgar; e vossemecê bem entende que um general em chefe a pé não tem jeito, nem pode ver de longe o inimigo, se nos for necessário entrar em batalha com o exercito. Dispensem-me por tanto de tamanha honra.

Macário

Farei as diligências; mas receio que...

CENA II

OS MESMOS E A MORGADINHA

(A morgadinha traja na ultima moda, mas exageradamente. Vestido muito curto, sem alguma roda, apanhando-se-lhe cingido ás pernas; grande laço na cintura posteriormente; sapatos de salto dourado; cabeleira com estupendos tufos encaracolados.)

Pantaleão

Vens para o piano, Joaninha?

Morgadinha *(pondo luneta doiro)*

Sim, papá, vou estudar a minha lição de escala. (Senta-se ao piano.)

Macário *(á parte, benzendo-se espantado do trajar da morgada)*

Que desmoralização! Isto é o pecado em carne e osso!

Pantaleão

Está vossemecê admirado destas modas, amigo Macário!

Macário *(irónico)*

São bonitas... *(Grave)* Mas não acho isto decente para a observância dos bons costumes.

Morgadinha

Que quer? é moda; andam assim todas as senhoras do tom.

Macário

Do tom? Sem tom nem som. As minhas filhas assim não hão de vestir, se Deus quiser.

Morgadinha *(voltando o rosto com aborrecimento)*

Então as suas filhas são senhoras?

Macário

Daquela massa se fazem, Sra. morgada...

Morgadinha *(dedilha nervosamente nas teclas)*

Adeus, adeus. Temos historia!

Pantaleão *(a meia voz)*

Não a zangue... Deixe-a lá... Tomara eu que ela se entretivesse com os vestidos...

Macário

A cabeça... está feito, mas as pernas a ver-se-lhe, Sra. morgada! Assim não se podem observar os bons costumes...

(A Morgadinha canta acompanhando a escala, e desafina quando guincha as notas das oitavas altas. Macário Mendes, ofendido pela desarmonia, faz caretas.)

Pantaleão

Ainda não sabes cantar modinha nenhuma, menina?

Morgadinha

A mestra não quer que eu cante modinhas; aprendo a escala que é o essencial. (Repete a escala, e quando principia a desafinar, Macário despede-se, apertando a mão a Pantaleão.)

Pantaleão

Veja lá os meus papéis, Sr.. Macário.

CENA III

OS MESMOS E JOÃO LOPES

João Lopes *(trazendo castiçais com luzes)*

Está na sala de espera a Sra. mestra pianista e mais o marido.

Morgadinha

Está! Papá, é preciso sair, tenha paciência. Bem sabe que ela, se vir homem aqui, não entra.

Pantaleão

Está bom pedaço de asno o marido! Então ele não sabe que eu sou um homem sério!

Morgadinha

Que quer o papá! Já lhe tenho dito que pôde entrar segura de que não ouve palavra que a ofenda; ela bem o sabe; mas o marido, se souber que a mestra falou com um homem, seja ele quem for, não a deixa voltar.

Pantaleão

Com certos indivíduos tem ele razão; mas nem todos são como o devasso escrivão de fazenda, que lhe andava a fazer a corte à mulher, e por isso foi posto de lá para fora. Acho justo que ele se acautele dos tratantes; mas de mim... parece-me bestialidade! Enfim cá vou. (Sai.)

CENA IV

MORGADINHA, JOÃO LOPES E DEPOIS FREDERICO

Morgadinha

Pode entrar a Sra. D. Tomásia.

João Lopes *(para dentro, levantando o reposteiro)*

Pode entrar a Sra. D. Tomásia. (João Lopes sai, assim que entra a suposta mestra. Frederico vestido de mulher, o rosto coberto de véu espesso, e cachos. Chapéu antiquado de orelhas, que lhe ajudem a cobrir a cara. Vai direito ao piano. Vê-se a cabeça de Pantaleão que espreita por uma fimbria do reposteiro. João Lopes tosse.)

Morgadinha *(alto)*

Passou bem, Sra. D. Tomásia!.. (Baixo) Não me fales que o meu pai está espreitando, em quanto João Lopes tossir... (Tocam e cantam a escala, Frederico canta em falsete a duo. Desarmonia nas vozes.)

João Lopes

O Sr.. morgado já está no pátio a conversar com o marido do Sr.. Frederico; estejam à vontade que eu vou para o postigo da escada. Quando eu tossir, vejam lá...

Frederico *(levanta o véu, abraçando o velho)*

Este João Lopes é um prodígio de dedicação! é o tipo genuíno do antigo criado português! Se eu realizar os meus sonhos, João Lopes, você há de progredir na escala das importâncias sociais... Eu hei de arranjar-lhe a você um hábito de Cristo!

Morgadinha

Deixa-o ir, deixa-o ir... *(João Lopes sai.)*

Frederico *(tomando-lhe as mãos calorosamente)*

E os nossos sonhos vão realizar-se, minha fada! Oh! (contemplando-a absorto) que deslumbrante! que eclipse estás fazendo nos anjos do céu! Não és só uma beleza! és um milagre! uma glória! uma divinização! Não ouso beijar-te as mãos... Os pés, os pés! Estes pés requerem tapetes de lábios e almofadas de corações! Consente que tos beije, houri!

Morgadinha *(desviando-se)*

Não sejas tolo! Gostas de me ver assim?

Frederico

Se gosto!.. Sinto delícias que atormentam, amor que me rescalda as fibras íntimas do peito! Luz, luz que me cegas, faz-te lavareda, e... devora-me!

Morgadinha

Vamos ao caso... Como estão os negócios?

Frederico

Ótimos. Logo que chegarmos a Lisboa, tenho a certeza de que será consagrado nos altares o nosso amor. Poderíamos evitar a fugida, requerendo tu a tua emancipação, visto que já contas vinte e seis anos; mas, como receias que eu seja assassinado logo que requeiras ao juiz, com cumpra-se a tua vontade. (João Lopes tosse. Vão sentar-se rapidamente ao piano, tocando e cantando a escala. Depois, a Morgadinha vai espreitar, em quanto Frederico toca uma valsa voluptuosa que obriga a Morgadinha a fazer alguns passos de dança. Frederico, arrebatado do donaire gracioso dela, ergue-se de mãos postas fazendo trejeitos de enlevado.)

João Lopes *(metendo a cabeça)*

Podem conversar, que ele passou para a tulha.

Frederico *(com transporte)*

És divinamente grande nas mínimas bagatelas da humanidade! Se lanças o pé quebradiço e chines em atitude dançante, sacodes e impeles brasas à minha alma. O pavimento arde debaixo dos teus pés lindíssimos. Tudo que fazes mata e aviventa. Como não serás esbelta, nos salões de Lisboa, princesa dos bailes, a rodopiar vertiginosamente nas valsas, nos cotilons, nos lanceiros, na doidice sublime em que há um espadanar de felicidade por todos os poros! Ó Joaninha, deixa-me sonhar! (Fixa os olhos espantados no teto da plateia. Música surda) A minha vida vai ser uma eterização de todas as potências espirituais. Embriagado nas taças nectáreas do céu, viverei enlevado nos arrobos da minha embriaguez... Esse rosto em que se espelham as formosuras não vistas de Angelos nem de Rafeis, será o meu Alcorão, porque o sumo artífice escreveu aí a suprema estrofe do seu poema. Quando os teus olhos se abrirem ao dilúculo da manhã, ver-me-ás de joelhos a beijar os teus cabelos; quando os fechares, cansados de serem beijados, e as sedosas pálpebras se

cerrarem como conchas ciosas das suas perolas, eu me quedarei aos teus pés velando que os silfos amorosos da noite não ousem perturbar o teu dormir. Oh! Joana, Joana! (Ajoelha-se-lhe aos pés. João Lopes tosse com maior força. A morgadinha adverte em vão Frederico que continua no seu arrebatamento:) Abre-me aqui já o sepulcro, se em alguma hora hei de sentir-me órfão dos teus carinhos... (Pantaleão ao fundo, erguendo o reposteiro.)

Morgadinha

Ah!

Frederico *(sobressaltado)*

O diabo! (Desce o véu. Canta qualquer aria conhecida no acto de ajoelhar, e cantando, diz percetivelmente à Morgadinha:)

Diz ao teu pai que a mestra

Para melhor te ensinar,

Te está cantando uma ária

Das que se usa cantar

No Teatro de Lisboa:

Prega-lhe a peta, que é boa;

E se esta nos não salva,

Nada nos pôde salvar.

CENA V

OS MESMOS E PANTALEÃO

Pantaleão *(ao fundo)*

Então que é isso?

Morgadinha

É a minha mestra que me está ensinando uma ária das que se cantam no teatro de Lisboa.

Pantaleão

Ela tem a voz tão grossa! Não parece voz feminina!

Morgadinha

Ela canta na voz que quer.... Então o papá já se esqueceu que o marido dela...

Pantaleão

Está bom, está bom; eu vou-me embora. Lá estive conversando com o marido da senhora, e lhe disse que não tivesse ciúmes que eu sou um velho!... Aquele seu marido parece-me um doido!.. (Rindo) Ora andem lá, andem lá. (Sai.)

CENA VI

FREDERICO, MORGADINHA E JOÃO LOPES A INTERVALOS

Frederico

Salvei-te ou não? Tu salvaste-me com a força, na romaria; e eu aqui, salvei-te com o génio! Vês como o amor me deu espirito num trance difícil? Fazes maravilhas de perspicácia e finura, tu, com a magia dos teus olhos, ó formosa! (Ouve-se toque a rebate de sinos, que soa de diversas longitudes. Rumor longínquo de vozes.)

Morgadinha

Que será isto!? Ó João Lopes!

João Lopes *(dentro)*

Que quer, Sra. morgadinha?

Morgadinha

Sabes a que tocam os sinos? é fogo?

João Lopes *(dentro)*

Fogo não me parece. Acho que é bernarda. Estou cá à janela a ver se entendo a gritaria.

Morgadinha

Diz que é bernarda...

Frederico *(alvoroçado)*

Horrível! oh! horrível! Isso bole seriamente comigo, contigo, connosco, com o nosso futuro, Joana!

João Lopes *(dentro)*

É revolução.

Morgadinha

Revolução!

Frederico

Não ouves a fatalidade que esbraveja? Terei eu de perder-te, arcanjo?

Morgadinha

Qual perder-me! Importa-me cá a mim a bernarda! Hei de ser tua! Não temas, Frederico, que eu sou forte!..

João Lopes *(na cena)*

Já intendi o que eles dizem... Dão morras aos papeis, e que se queime o escrivão da fazenda... E trazem música... Ouvem?... (Ouve-se distintamente, mas ainda longe, o hino da «Maria da Fonte», à mistura com os «morra!»)

João Lopes

O Sr.. morgado está na torre a ouvir. Agora bom será que o Sr.. Frederico se escape, senão desconfio que o matem, sendo aqui pilhado... (Frederico apanha as saias na cintura para poder fugir. A Morgadinha agarra-o.)

Morgadinha

Não te deixo sair agora, que é perigoso.

Frederico *(muito inquieto)*

Morrer aqui, seria uma morte inglória, Joaninha! Dá-me armas que eu quero defender-me com uma bravura digna de ti! Armas! armas! um revolver de doze tiros! Quero armar-me até aos dentes, e combater, e morrer gloriosamente ao teu lado!

Morgadinha

Frederico, tu estás maluco!.. Olha que eles não vêm cá... Não percas o juízo!

Frederico *(muito à trágica, aludindo ao estrondo da gritaria)*

Não vem? Vem! Escuta! escuta! Não ouves o bramido do tigre popular? Olha... é o leão que ruge, partidos os grilhões de respeito à lei! É a Líbia e a Hircânia a vomitarem feras! Olha o lago sujo como se levanta em vagalhões e como eles roncam!

Morgadinha

Vem então esconder-te, vem esconder-te!

Frederico

Não! Um homem não se esconde quando olhos como os teus são testemunhas de tamanha covardia! É mister ser herói!.. Mas eu estou vestido ignobilmente! (Arranca os vestidos mulheris: fica de quinzena; mas conserva o chapéu

e os boucles) Agora, armas! armas! (A morgada ri-se apontando-lhe para a cabeça.) porque ris tu, mulher forte! porque ris tu, se fazes favor?!

Morgadinha

Tira a cartola e os cachos, meu amor.

Vozes *(que sobrelevam o estrondo dos figles)*

Morra o escrivão de fazenda! morra! (Grande catarro de João Lopes.)

Frederico

É chegada a hora! Dá-me um abraço, querida! Um abraço! e até ao reino eterno! As nossas núpcias são no céu!.. (Aponta para o teto e fica como extático; em quanto a Morgadinha vai rapidamente dentro, e sai com dois bacamartes de boca de sino.)

Morgadinha

Aqui tens um bacamarte; defende-te, que eu te defenderei também! (Ela aperra o bacamarte.)

CENA VII

OS MESMOS, PANTALEÃO E JOÃO LOPES

Pantaleão *(estupefacto)*

Que vejo? que é isto? como entrou este homem aqui?

Frederico *(atirando ao chão o bacamarte)*

Venho oferecer-me à vingança de V. Ex.ª

Morgadinha

Meu papá, o Sr.. Frederico vem pedir-lhe a minha mão de esposa!

Pantaleão

Das duas uma: ou o senhor foge, ou é espatifado pelo povo!

Frederico

Não sei fugir: sei morrer.

Pantaleão

Mas vá morrer a casa do diabo; não quero que o matem aqui.

João Lopes

V. Ex.ª tem razão; mata-lo aqui é mão: o melhor é eu ir escondê-lo no meu quarto; por que, se o povo o achasse aqui a estas horas, os créditos da menina não ficavam com muita saúde.

Pantaleão

Pois vai escondê-lo... some-o no inferno!

Morgadinha

Meu pai, se Frederico fugir, fujo eu; se ele morrer, morre sua filha, sua filha única, a sua Joaninha, a luz dos seus olhos! Meu papá (ajoelha-lhe) eu já não posso deixar de ser esposa de Frederico, e juro que sou dele na vida e na morte! (Ergue-se: conduz Frederico pela mão, e ajoelha com ele) Dê-nos a sua bênção, querido papá!

Pantaleão

Nunca! nunca! *(Ouvem-se fora as aclamações.)*

Morgadinha *(erguendo-se soberba)*

Então, não tenho pai! tenho só marido! Se o povo o matar, há de ver morrer-me ao pé dele... mas vingada!.. (Lança mão do bacamarte) Que entre o povo!

Pantaleão

Em que apertos me vejo! Rebenta-me o coração!..

João Lopes *(muito comovido)*

Sr. morgado!.. Olhe que perdemos a nossa menina!..

Pantaleão *(a Frederico)*

Esconda-se naquele quarto, homem... Depressa.

Frederico

Obedeço, porque mo ordena o pai deste anjo. *(Sai com João Lopes.)*

CENA VIII

PANTALEÃO E A MORGADINHA

Pantaleão

Perdi a cabeça!.. Estou doido... não sei o que vinha aqui fazer!.. Ah!.. onde está a pianista, que está ali fora o marido à espera...

Morgadinha

A pianista?..

Pantaleão

Sim, a pianista onde está?.. (Olha para o chão, tropeçando no vestido de mulher) Que é isto? (levantando o chapéu e os caracóis) Que é isto?! que é isto, Joana?..

Morgadinha *(aflita)*

Isso? Ah! meu pai, que eu morro, se me apoquenta muito!..

Pantaleão

Então a pianista era... era o escrivão?!..

Morgadinha *(soluçando)*

Era, sim, Sr.!

Pantaleão

Que sucia de tratantadas se passam nesta casa!.. e eu a conversar com o patife do lojista que se dizia o marido desse velhaco!..

Morgadinha

É meu esposo... perdoe-nos...

Pantaleão

Tu és o demónio, mulher!

Morgadinha

Sou uma infeliz apaixonada... O meu papá, tenha piedade! Olhe que o Frederico é muito bom moço. Se não é fidalgo hoje, pôde sê-lo amanhã. O papá bem sabe que os fidalgos agora se fazem de um dia pró outro.

Pantaleão

Ergue-te, ingrata, que deste cabo do teu pai! *(Rompe a musica pelo interior da casa, com grande vozeria, tocando o hino.)*

CENA IX

JOÃO LOPES, PANTALEÃO, MORGADINHA, MACÁRIO

(A musica, na vanguarda, ladeia para dar passagem a Macário vestido de oficial de ordenanças, mas com chapéu embicado. Traz uma espada empunhada, e outra debaixo do braço, seguem-no 12 comandantes subalternos, vestidos a capricho, uns com chapéu redondo e banda e dragonas, outros de barretina e niza. Um destes arvora uma bandeira de várias cores.)

Macário

Viva o Sr.. morgado de Val-d'Amores, general em chefe das forças populares do Minho!

Vozes

Viva! *(Cala-se a musica.)*

Macário *(á frente dos revolucionários com enfâse oratória)*

Sr. morgado! As forças populares de seis freguesias que aí estão reunidas fora no terreiro desta ilustríssima casa, mandaram-me a mim, à frente dos seus doze comandantes que se acham presentes, declarar a V. Ex.ª que por voto geral foi aclamado general em chefe desta província. Eu lhes fiz um eloquente discurso para os tirar dessa ideia, alegando com o meu grão de farmacêutico que V. Ex.ª sofria dos intestinos e doutros incómodos intestinais; mas eles não me atenderam e obrigaram-me a vir oferecer a V. Ex.ª a espada de general em chefe. Aqui está por consequência esta valente espada que matou em 1810 muita soma de francês do Junot, e que há de nas mãos de V. Ex.ª limpar este país de escrivães de fazenda e outros mariolas que nos desgraçam. Receba V. Ex.ª das minhas mãos esta espada e salve com ela a pátria do Sr.. D. Afonso Henriques!

Os comandantes

Viva o Sr.. boticário! Viva!

Macário

Obrigado, valentes guerreiros! (A musica executa uma marcha muito compassada. Macário caminha a passo solene e cadencioso com a espada oferecida segura pela lâmina, levando a sua na bainha. O morgado faz sinal de que quer falar. Silencio.)

Pantaleão *(comovido)*

Sr. Macário Mendes, e mais Sr.es! Grande impressão me fizeram as vossas palavras e não pude deixar de me comover... Estou realmente comovido, e sinto-me abalado com tanta honra; mas sinto muito dizer-lhe que as minhas doenças e outras desgraças me não permitem tomar o comando das valentes forças populares que representais. Não posso, senhores, não posso. Se a fortuna me tivesse dado um filho, essa espada estaria já nas mãos dele.

Morgadinha *(tirando a espada da mão de Macário)*

Está nas mãos da sua filha esta espada; e, como infelizmente, sou mulher, há de haver um homem a quem meu pai chame filho, e ele será digno dela! (Chamando) Frederico! Frederico!

CENA ULTIMA

OS MESMOS E FREDERICO

Frederico *(ajoelhando diante da morgadinha)*

Sim! sim! recebo das vossas mãos, Sra. a espada que há de decepar as infinitas cabeças da hidra financeira! (Espanto geral.)

Macário

Como se entende esta caranguejola, Sr.. morgado!?

Pantaleão

Sr. Macário... esse homem... vai ser... vai ser... Eu desmaio!

João Lopes

Vai ser o marido da menina... (a Pantaleão) Faça favor de não desmaiar, por quem é!

Frederico *(com veemência e fogo)*

E o marido da morgadinha de Val-d’Amores vai conduzir-vos à vitória, briosos populares! Eu vos ensinarei a calcar tiranos! Auxiliado por vós, intrépidos filhos do norte, levantaremos o país das palhas podres em que o prostraram os comilões. Eu falo assim, porque cada nação, nas horas críticas, tem o seu Vigor Hugo, o seu salvador por meio da retórica. Vamos a eles, filhos da vitória! As nossas bandeiras desenroladas aos ventos das batalhas, dirão: Riqueza e Moralidade! Em menos de quatro anos de regime moral, e dieta aos lambões, o país não deverá nada, e vós não pagareis um pataco de décima.

Vozes

Apoiado!

Frederico

Cidadãos! Eu tenho estudado profundamente as doenças de Portugal e pude descobrir onde está o cancro que nos rói. Aí vai o meu programa: O meu sistema é dividir o país em repúblicas confederadas, cada república tem seu presidente de eleição popular, quero dizer, cada conselho governa-se a si, e não quer saber do conselho vizinho. Não sei se me percebem...

Macário

Muito bem, entendemos muito bem.

Frederico

Por exemplo: Santo Triso fica sendo uma república, que não tem nada com a república de Famalicão, nem com a república de Fafe. Nós cá vivemos com o que é nosso, fazemos as nossas despesas, e não damos nem vintém aos de fora.

Vozes

Apoiado! apoiado!

Frederico

Aqui está o meu sistema que ainda não lembrou a ninguém, e que é o resultado de quinze anos de estudo. Conseguido isto, não temos a sustentar tropas, (Apoiados) nem as estradas por onde andam os outros, (Apoiados) nem teatros onde os outros se divertem, (Apoiados) nem escrivães de fazenda. (Apoiados) E declaro que me dou já por demitido do meu lugar, e levanto minha voz autorizada bradando: Guerra e morte a todos os escrivães de fazenda! (Os populares desembainham as espadas, e bradam: «guerra de morte!») E, portanto, senhores, beijo esta espada, e leio na sua lâmina, os novos destinos que vão alvorecer para Portugal! Recebi-a da mão do anjo protetor das nossas tremendas batalhas! E concedei, cidadãos, que essa bandeira seja arvorada nas mãos da Judith lusitana! Não mais cairá aos pés de vencedor algum o estandarte que foi consagrado pela filha deste honrado fidalgo! (Frederico,

tem passado a bandeira à Morgadinha, a qual se coloca de maneira que o pai fica entre ela e Frederico.) Bravos sicambros de Santo Triso! agora, à vitória, à vitória que a pátria nos chama! Está inaugurada a república confederada de Santo Triso! Toque o hino! (Os músicos executam. Frederico flórea a espada com arrebatada bravura. A morgadinha agita a bandeira. Os comandantes fazem também seus ademanes de valentões. João Lopes sentado com os queixos entre as mãos contempla tudo aquilo. Corre o pano.)

FIM